

CORPO SOCIAL E CAPITAL CORPORAL: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA TEORIA SOCIOLÓGICA DE PIERRE BOURDIEU

SOCIAL BODY AND BODY CAPITAL: CONSIDERATIONS BASED ON PIERRE BOURDIEU'S SOCIOLOGICAL THEORY.

Daniele Andrea Janowski¹
Cristina Carta Cardoso de Medeiros²

Recebido em: 07/2018
Aprovado em: 08/2018

Resumo: O presente texto objetiva discutir sobre como as discussões do corpo social e do capital corporal são desenvolvidas nos escritos do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Inicia com considerações acerca do corpo e sua construção social, realizando uma conexão com os principais conceitos do autor, destacando o *habitus* e a incorporação das disposições realizadas nos processos de socialização nos campos sociais e evidenciando, na perspectiva da economia dos bens simbólicos, as discussões sobre o capital corporal, em que as propriedades corporais são entendidas como capital para a obtenção de lucros sociais. Finaliza-se o capítulo discutindo o capital corporal e o investimento no corpo, apontando de forma prática a possibilidade de observação deste tipo de capital e com o extrato das considerações finais, que percorrem alguns argumentos apontados ao longo da publicação com intuito de fechamento.

Palavras-Chave: corpo social; capital corporal; Pierre Bourdieu.

Abstract: This paper aims to discuss how the discussions of the social body and corporal capital are developed in the writings of the French sociologist Pierre Bourdieu. It begins with considerations about the body and its social construction, making a connection with the main concepts of the author, highlighting the habitus and the incorporation of the provisions made in the socialization processes in the social fields and showing, from the perspective of the symbolic goods economy, the discussions on corporeal capital, in which corporeal properties are understood as capital for the attainment of social profits. The chapter concludes by discussing the body capital and the investment in the body, pointing out in a practical way the possibility of observing this type of capital and with

¹ Possui graduação em Educação Física pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1995), graduação em Ciências - Licenciatura de 1 Grau pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória (2000) e graduação em Ciências Biológicas pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória (2004). Mestrado em Educação na UFPR, na linha de cultura, escola e ensino. Atualmente é QPM da Escola Estadual Nicolau Copérnico. Tem experiência na área de Educação Física, Educação, Mídias na Educação e Ciências Biológicas.

² Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (1991), especialização em Educação Física Escolar/UFPR (1994), mestrado em Educação na linha de Cultura, Saberes e Práticas Escolares pela Universidade Federal do Paraná (2003) e doutorado em Educação, também pela UFPR (2007), onde defendeu tese sobre a apropriação da teoria sociológica de Pierre Bourdieu no campo acadêmico educacional. Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Paraná no curso de Educação Física, professora permanente da Pós-Graduação em Educação - UFPR. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Expressão Corporal, Dança e Sociologia do Esporte. Ainda atua na área da Sociologia da Educação, com ênfase na teoria sociológica de Pierre Bourdieu e na área de Metodologia de Ensino Superior

the extract of the final considerations, which cover some arguments pointed out throughout the publication with the intention of closing.

Keywords: social body; body capital; Pierre Bourdieu.

Introdução

Este artigo pretende discutir sobre como as discussões do corpo social e do capital corporal são desenvolvidas nos escritos do sociólogo francês Pierre Bourdieu e alguns de seus comentadores. Inicia com considerações acerca do corpo e sua construção social, realizando uma conexão com os principais conceitos do autor. Tais conexões são desenvolvidas valendo-se do modo de pensamento relacional de Bourdieu que interconecta disposição (*habitus*), situação (campo) e bens simbólicos (capitais).

O significado de tais discussões tem a ver com a possibilidade de refletir com o autor sobre a somatização de relações de dominação que acontecem pelo corpo, lugar de investimento e princípio de sua eficácia, bem como desvelar que é a partir do adestramento dos corpos que se impõem as disposições mais fundamentais, que ao mesmo tempo inclina e torna o indivíduo apto para entrar nos jogos sociais (BOURDIEU, 2002). A entrada e permanência nos jogos sociais dependem da obtenção de trunfos ou cartas mestras em forma de capitais, sendo um desses bens, o corporal.

Na possibilidade de entender a conceituação de corpo e de construção social do corpo proposta por Pierre Bourdieu, intenciona-se torná-la uma ferramenta de análise para a elaboração de estudos que utilizam estes conceitos.

A relevância de tal empreitada é ressaltada por Montagner (2006, p. 518) quando alerta que,

Na nossa sociedade, o corpo é o suporte de uma construção identitária realizada pela estrutura social sobre a pessoa, construção da qual o próprio indivíduo não é inteiramente o sujeito: qual o condenado de uma colônia penal a sentença a ser escrita sobre nossa pele não nos é dada a conhecer.

A construção social do corpo a partir de Bourdieu

Diversos autores³ têm se dedicado ao exame e estudo das abordagens de Bourdieu sobre

³ Verificar entre os comentadores brasileiros: MEDEIROS, C. C. C. de. *Habitus* e corpo social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. **Movimento**, Porto Alegre, v.17, n.01, p.281-300, janeiro/março

o corpo. Apontam inclusive Chevallier e Chauviré (2010, p. 30) que este destaque é possível e bem vindo porque “a Filosofia de Bourdieu é uma Filosofia do corpo, uma Antropologia da existência humana como social feito corpo”.

Medeiros (2011) corrobora com Détrez (2006) quando afirma que Bourdieu reflete o corpo em torno de três eixos: o corpo como lugar do senso prático, o corpo como manifestação do *habitus* e o corpo como *enjeux* (aposta, mecanismo, investimento) de poder e dominação. O corpo como lugar do senso prático seria onde o corpo reage muito mais a partir do ato reflexo do que da reflexão, pois depois da aquisição e incorporação de valores ele estaria condicionado a responder de forma automatizada as situações que ocorrem no meio social, o corpo como uma construção social. Em relação ao segundo eixo, o corpo seria a manifestação do *habitus* onde as escolhas alimentares, esportivas, as habilidades motoras contribuem para moldar os corpos conforme as classes sociais revelando o esquema corporal como depositário de toda uma visão do mundo social e de pertencimento a um grupo social.

Entende-se aqui o *habitus* como as maneiras de ser, de pensar, de perceber e de agir; como o conjunto de ações e reações inculcadas no agente no processo de socialização que constrói o corpo social. A partir da análise das disposições incorporadas, do esquema corporal, dos movimentos, das técnicas e dos usos do corpo, pode-se afirmar que o corpo é um produto social desde as dimensões de sua conformação visível, até nas formas de se portar e se comportar, em que expressa sua relação com o mundo social (BOURDIEU, 1977). O corpo assimila então, desde o nascimento, valores existentes nas relações familiares e no grupo social de convívio imediato. Sobre essa inculcação ou assimilação inicial serão sobrepostas as posteriores, aquelas advindas do meio escolar e das relações sociais nele possibilitadas e, posteriormente, no mundo do trabalho e demais campos sociais pelos quais o indivíduo circulará, dependendo de diversas mediações.

Como ressalta Bourdieu (2002a, p. 81),

A experiência prática do corpo, que se produz na aplicação, ao corpo próprio, de esquemas fundamentais nascidos da incorporação das estruturas sociais, e que é continuamente reforçada pelas reações, suscitadas segundo os mesmos esquemas, que o próprio corpo suscita nos outros, é um dos princípios da construção, em cada agente, de uma relação duradoura para com seu corpo.

É no conceito de *habitus* que, em sua teoria, Bourdieu ancora a explicação da

de 2011; MONTAGNER, M. A. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro. vol. 11 n.2: 515-526, 2006, entre outros.

incorporação das estruturas sociais. Explica que se trata de um conjunto de ações e reações incorporadas pelos indivíduos a partir da vivência em sociedade, que surge das interações sociais do meio e molda as atitudes e os pensamentos, tornando-se uma matriz cultural internalizada que opera concretamente sobre o agente. Para Wacquant (2002a, p. 102), “... o *habitus* é um conjunto de desejos, vontades e habilidades, socialmente constituídas, que são ao mesmo tempo cognitivas, emotivas, estéticas e éticas”.

No terceiro eixo o pertencimento social leva o corpo a ser o local de aplicação e de reprodução das formas de dominação (social, física e simbólica), um *enjeux* privilegiado para o exercício da violência simbólica. Nesse terceiro eixo se torna fundamental a localização do agente nos campos sociais, entendendo o campo como um espaço social concorrencial estruturado distinto de posições hierarquizadas em que se delimitam práticas que obedecem ao senso prático e corroboram com a construção e o reforço do *habitus*, do capital e do gradual de poder, dando ao seu detentor vantagens, possibilitando o trânsito pelo campo e facilitando as associações, o que se entende no arcabouço teórico de Bourdieu como “economia dos bens simbólicos”.

O agente quando possuidor de capital específico circula de maneira fluída, potencializa os agenciamentos e facilita a sua aceitação pelos demais. De modo destacado, o conceito de capital será abordado na próxima seção, acentuando-se o conceito de capital corporal. Por ora é interessante enfatizar que a quantidade e a forma de acumulação de capital são diferentes entre os indivíduos, mas, quando entram em um campo, passam a conjugar ideias e atitudes. É a partir das igualdades entre os membros, dos valores comungados, da *hélix* corporal específica desse campo que são construídas as fronteiras e os limites do campo. Possuir características comuns passa a ser necessário para a permanência nesse grupo e no jogo. Aqui está novamente configurado o senso prático, a necessidade social que se torna natureza, a ação imediata às conformações de um campo sem necessidade de acesso a consciência imediata, uma ação que deriva da incorporação reflexa do *habitus* e que é carregada de significação, envolvendo esquemas motores e automatismos corporais sensatos ou habitados pelo senso comum (BOURDIEU, 2011).

O senso prático orienta escolhas por ser portador de uma finalidade retrospectiva, uma antecipação às exigências de um campo, um “senso do jogo”, uma antecipação, a configuração do encontro entre o *habitus* e o campo. A circulação efetiva em determinado campo produz um conhecimento singular que predispõe o comportamento do agente, a seguir as regras, a mergulhar num universo único que o faz mover-se com fluência e pertencimento neste espaço.

Exemplificando a relação do *habitus* e do campo e sua sinergia, Bourdieu (2002b) sustenta a ideia de que quando os agentes portam um *habitus* correspondente ao campo, eles são como “peixes na água”, ou seja, naturalmente ajustados para fazer o que é preciso fazer. Por terem se constituído pela incorporação de estruturas de um mesmo universo, os agentes tornam-se geradores de práticas ajustadas ao mundo social no qual eles estão inscritos. Sobre esta incorporação, essa simbiose do corpo socializado e dos campos sociais, o autor afirma que são dois produtos acordados da mesma história, estabelecendo-se uma cumplicidade que ele chamou de “infraconsciente corporal” (BOURDIEU, 2002b, p. 75).

Corpo social como capital

Pierre Bourdieu distingue, no decorrer de sua obra, quatro principais tipos de capital: o social, o cultural, o econômico e o simbólico.

O capital social refere-se à extensão da rede de relações que um agente pode efetivamente mobilizar e do volume de capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles que está ligado, da rede de relações que estabelece socialmente e do reconhecimento interno no contexto (BOURDIEU, 2007a).

O capital econômico refere-se a bens materiais, dinheiro ou posses e o capital simbólico está relacionado aos efeitos simbólicos da detenção de capital: “Todo tipo de capital (econômico, cultural, social) tende a funcionar (em graus diferentes) como capital simbólico...” (BOURDIEU, 2001, p.296). Refere-se não a um capital específico, mas, a importância simbólica socialmente consolidada no reconhecimento desse capital.

O capital cultural refere-se aos bens culturais, sendo que Bourdieu (2007b) os classifica em três estados: o estado incorporado, que está ligado ao corpo e pressupõe a incorporação. A acumulação nesse estado deduz um trabalho de inculcação e de assimilação, custa tempo e deve ser investido pessoalmente pelo investidor (bronzamento); o capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante do indivíduo, um *habitus*. O estado objetivado do capital cultural pode ser identificado em obras de arte, livros e equipamentos possuídos pelo indivíduo e que podem ser transmitidos de forma material através do capital econômico ou de propriedade jurídica. Bourdieu (2007b) ressalta, entretanto, que a apropriação simbólica necessita de um capital cultural incorporado específico e que a condição de apropriação cultural não é transmissível. O terceiro estado do capital cultural é o institucionalizado, representado pelos diplomas que possuem valor convencional, constante e

juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, proporcionado um atestado de competência cultural.

O capital cultural incorporado é fundamental, pois ele existe necessariamente no corpo e pelo corpo. A detenção de capital cultural está vinculada às condições de sua apropriação que se dá em um determinado campo social. A obtenção do capital vincula-se ao conteúdo cultural disponível no campo. Dependendo do meio, o indivíduo tem acesso a mais ou menos capital. Primariamente é na família e no convívio social imediato que se inicia a construção desse tipo de capital.

O capital cultural em seu estado incorporado, ou seja, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se integrante do indivíduo, pode remeter a temas da cultura corporal e às possibilidades de lucro a partir da incorporação significativa de conteúdos que podem gerar comportamentos, percepções, atitudes e transformações que ficam impressas no corpo. Esse conjunto de potencialidades e possibilidades corporais pode ser considerado um tipo de capital cultural específico denominado capital corporal.

Barbero González (2005) situa o capital corporal como uma forma de capital cultural, pois defende que é socialmente construído e intimamente ligado às condições materiais do coletivo cultural e da existência individual.

Para Medeiros (2011, p. 287):

Bourdieu utiliza a noção de capital corporal, afirmando que as propriedades corporais podem funcionar como capital para obtenção de lucros sociais, para conceder à representação dominante do corpo um reconhecimento incondicional.

A obtenção desse capital específico está condicionada a aquisição ou manutenção de hábitos e atitudes efetivas como potencial investimento corporal e geração de lucros dentro de um contexto específico de reconhecimento destes valores no espaço social. O capital conquistado pode auxiliar o indivíduo nas conjugações e fazê-lo galgar posições em um determinado espaço social.

Loic Wacquant (2002b) em seu livro “Corpo e alma – notas etnográficas de um aprendiz de boxe” se remete ao capital corporal como uma espécie de poupança corporal obtida pelos boxeadores a partir da rotina de treinamentos e da convivência entre os pares e tinha a ver com o sentido prático da preservação e da busca por potencializar o próprio corpo a fim de fazê-lo mais predisposto a suportar as agressões sofridas bem como mais preparado para a ação. Cuidados com os punhos, com a alimentação, com o aprendizado de esquivas, com o uso de

pomadas e unguentos, são exemplos de ações voltadas para a conservação desse capital corporal para um boxeador, uma vez que eles seguem uma “ciência concreta” de seu próprio corpo.

Medeiros (2011) interpreta o capital corporal a partir da teoria de Bourdieu, em que as propriedades corporais são entendidas como capital para a obtenção de lucros sociais, a habilidade corporal na prática de esportes e a introdução precoce de uma habilidade específica, pois esta seria bem mais rentável do que se ocorresse tardiamente. Partindo desses apontamentos sinaliza-se a importância não só prematura do desenvolvimento das habilidades motoras, como o aumento de possibilidades a partir de uma gama maior de habilidades. Os interesses pelos esportes são condicionados primeiramente pelo gosto de classe e posteriormente pela capacidade ou não em dominar habilidades motoras das modalidades. O universo motor e social do agente condicionam possibilidades corporais que proporcionam acesso a campos específicos.

Capital corporal como lucro social e o investimento no corpo

Após a localização das discussões do corpo em Bourdieu e as explicações sobre o conceito de capital corporal é interessante apontar de forma mais prática, de que maneira e em que formatos se poderiam visualizar o capital corporal.

Ao considerar atletas profissionais que utilizam seu corpo e suas capacidades físicas em prol do rendimento, tem-se com mais clareza a utilização do capital corporal em prol da ascensão em um determinado campo, ou seja, a busca pelo reconhecimento e pelas vantagens financeiras obtidas nos esportes. O atleta profissional faz um investimento corporal, têm cuidados com o corpo, desenvolve sua funcionalidade biodinâmica, toma atitudes cotidianas que podem auxiliar na maximização da utilização do corpo na atividade a que se propõe.

O conteúdo do capital corporal está diretamente ligado à cultura corporal e sua aquisição relacionada às experiências e conhecimentos a que o indivíduo teve acesso e ao modo de internalização desses. É possível identificar a escola como um espaço social, repleto de contradições e reproduções, porém, é também um espaço que pode permitir a resignificação de conhecimentos oriundos do senso comum e orientar os agentes significativamente em relação a construção de seu corpo social.

Em pesquisa empírica⁴ realizada com escolares de uma cidade do interior do Paraná, procurou-se discutir quais os significados das práticas de cultura corporal presentes na disciplina de Educação Física nos anos finais do ensino fundamental e de que forma predisõem a obtenção de capital corporal. Como ponto de partida para a investigação identificou-se que o capital cultural em seu estado incorporado poderia remeter a temas da cultura corporal e à possibilidade de lucro a partir da incorporação de conteúdos que poderiam gerar comportamentos, percepções, atitudes e transformações que ficariam impressas no corpo. Esse conjunto de potencialidades e possibilidades corporais poderia ser considerado um tipo de capital cultural específico, a saber, o capital corporal que até então discutimos em teoria.

González e Fraga (2012, p. 46) pensam que “a Educação Física é um componente curricular responsável pela tematização da cultura corporal de movimento, que tem por finalidade potencializar o aluno para intervir de forma autônoma, crítica e criativa nessa dimensão social”. Reafirma-se então a cultura como conteúdo construído socialmente, apontando a necessidade não somente em relação à identificação dos conhecimentos, mas potencializando intervenções úteis no cotidiano dos indivíduos. A preparação para a vida em sociedade não é apenas informativa.

A partir de três categorias de análise (os conteúdos da disciplina na realidade escolar; os benefícios apontados na aprendizagem dos conteúdos e as possibilidades de investimento corporal a partir dos conteúdos da Educação Física escolar), procurou-se discutir sobre: os conteúdos veiculados nas aulas de Educação Física, a aceitação da disciplina no ambiente escolar, a forma como processam a aprendizagem dos conteúdos, quais os principais interesses, as dificuldades que encontram na aprendizagem dos conteúdos, a presença de trabalho a partir dos elementos articuladores de conteúdo, a importância dos conteúdos veiculados e as possibilidades de utilização do aprendido.

Averiguou-se, partindo das informações dos alunos, o investimento corporal como indício da existência potencial de capital corporal a partir das práticas da cultura corporal na escola. Toma-se aqui o entendimento de Wacquant (2002b) para conceituar o investimento corporal como ações de preservação corporal e utilização do tempo para realização de atividades físicas que permitam o desenvolvimento e a melhoria das condições e capacidades do corpo como forma de acumulação de capital corporal a ser utilizado posteriormente.

⁴ Verificar em JANOWSKI, D. A. **As práticas de cultura corporal na escola**: entre os significados e a obtenção do capital corporal na disciplina de Educação Física. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2016.

Foram identificados nos hábitos de vida, como comportamentos de preservação do corpo: hábitos alimentares, atividades físicas regulares, cuidados de higiene, cuidados com a aparência corporal e com a imagem refletida, o uso do capital esportivo como forma de inserção em espaços específicos, relatos de utilização dos conhecimentos veiculados pela disciplina na preservação corporal e manutenção da saúde. O investimento caracteriza-se por ações efetivas com objetivo definido para a aquisição de vantagens nas relações sociais e nos possíveis lucros sociais provenientes dos conhecimentos e das práticas pertencentes aos conteúdos da cultura corporal.

É expressiva, dentro dos limites da compreensão desses alunos, a possibilidade de investimento corporal atual e futuro. A interpretação dos alunos indica o entendimento da existência de capital corporal, não nomeada, latente, como potencial cumulativo e lucrativo em todas as fases da existência humana.

Considerações Finais

Tem-se como premissa que a cultura corporal diz respeito a aspectos que podem influenciar na construção do corpo social, resultante de uma incorporação de vivências e aprendizagens motoras, sociais e cognitivas. O corpo passa então a ser pensado como uma construção, produto do vivido, que pode trazer lucros nas relações sociais e abrir possibilidades em campos específicos. A expectativa de lucro social, a agregação de ganhos físicos e a melhora funcional do corpo pressupõe a existência de uma forma singular de capital, o capital corporal, explorada no quadro teórico de análise de Pierre Bourdieu, para definir a possível acumulação de valores corporais.

A imagem corporal e os atributos corporais podem ser entendidos então como um produto de toda a formação corporal individual. A acumulação das vivências e aprendizagens compõe um conteúdo importante na construção da *hêxis* corporal e em sua resultante social. Esse conteúdo acumulado pode ser considerado como capital corporal cuja quantidade de acúmulo de recursos dos agentes em suas posições no campo, pode ser transformada em “uma ‘energia social’ congelada e conversível” (WACQUANT, 2002a, p. 98).

Investir no corpo pressupõe a ideia de lucro a partir da modificação ou adaptação corporal com fins específicos, como melhor aceitação pelos pares nas relações, potencialização das capacidades corporais e manutenção do corpo. Este relacionamento com corpo está condicionado ao espaço social por onde circula o agente e onde também se traçam as melhores

estratégias de aprimoramento do corpo, partindo de valores existentes nos espaços frequentados e nas suas relações. A finalidade intrínseca do investimento revela-se nos possíveis resultados incorporados e vantagens nas relações em um determinado grupo a que se tem pertencimento.

O conhecimento, a afirmação e o protagonismo nas questões corporais podem ser entendidos como pressupostos da construção do corpo social. Efetivamente na construção da imagem corporal e nas conformações visíveis do corpo, existem evidências de lucro social por meio da possibilidade de comunicação pelo corpo, da facilitação da circulação em campos específicos e pelo pertencimento externado a partir do *habitus*.

O corpo fala nas relações sociais exprimindo de forma incontestável o que se é (BOURDIEU, 2011). O corpo é forjado nas relações sociais e em suas condicionantes. A *hélix* reflete a construção corporal a partir das ações, ela própria transforma-se na principal forma de comunicação com os outros agentes.

A relevância pelo tema pede que para uma argumentação mais contundente se pudesse remontar à verificação de todas as interferências realizadas no corpo. O *sociologizar* de Bourdieu solicita não só a leitura pelo parâmetro teórico, mais a contextualização histórica e cultural. Percebendo as atribuições pedagógicas no corpo, realizadas pelos mais variados grupos e espaços sociais, seria possível melhor prospectar a dimensão do capital corporal. A importância de tais estudos não estaria somente na verificação histórica dos formatos de corpo, sempre sob a influência de padrões dominantes, mas no apontamento do corpo como um instrumento solidário a todo um sistema de técnicas e de utensílios, carregado de uma multiplicidade de significações e de valores sociais (BOURDIEU, 2002b).

Referências

BARBERO GONZÁLEZ, J.I. La escolarización del cuerpo: reflexiones en torno a la levedad de los valores del capital «cuerpo» en educación física. **Revista Iberoamericana de educación**, 2005.

BOURDIEU, P. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002a.

_____. **Questions de sociologie**. Paris: Minuit, 2002b.

_____. O capital social – notas provisórias. In BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. CATANI, A. M.; NOGUEIRA, M. A. (org.) Petrópolis: Vozes, 2007a.

_____. O capital social – notas provisórias. In BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. CATANI, A. M.; NOGUEIRA, M. A. (org.) Petrópolis: Vozes, 2007b.

_____. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2011.

CHEVALLIER, S.; CHAUVIRÉ, C. **Dictionnaire Bourdieu**. Paris : Ellipses, 2010.

DETREZ, C. Corps In CAZIER, J.-P. (org.). **Abécédaire de Pierre Bourdieu**. Paris: Vrin, 2006.

GONZÁLEZ, F. J. FRAGA, A. B. **Afazeres da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar**. Erechim: Edelbra, 2012.

JANOWSKI, D. A. **As práticas de cultura corporal na escola: entre os significados e a obtenção do capital corporal na disciplina de Educação Física**. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2016.

MEDEIROS, C. C. C. de. Habitus e corpo social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. **Movimento**, Porto Alegre, v.17, n.01, p.281-300, janeiro/março de 2011.

MONTAGNER, M. A. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro. vol. 11 n.2: 515-526, 2006.

WACQUANT, L. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. **Revista de sociologia e Política**, Curitiba, n. 19, p. 99-110, nov. 2002a.

_____. **Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002b.